

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

FERNANDA PEREIRA MOLINA

**EM PAUTA AS RELAÇÕES SOCIAIS QUE PERPASSAM AS QUESTÕES DE GÊNERO NO
ENVELHECIMENTO**

**São Borja
2021**

FERNANDA PEREIRA MOLINA

**EM PAUTA AS RELAÇÕES SOCIAIS QUE PERPASSAM AS QUESTÕES DE GÊNERO NO
ENVELHECIMENTO**

Artigo apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisângela Maia Pessôa

**São Borja
2021**

FERNANDA PEREIRA MOLINA

**EM PAUTA AS RELAÇÕES SOCIAIS QUE PERPASSAM AS QUESTÕES DE GÊNERO NO
PROCESSO DE ENVELHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título Bacharel em Serviço Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Elisangela Maia Pessoa
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dra. Simone Barros de Oliveira
UNIPAMPA

Prof. Dra. Monique B. Damascena

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ELISANGELA MAIA PESSOA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2021, às 09:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SIMONE BARROS DE OLIVEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2021, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MONIQUE BRONZONI DAMASCENA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2021, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0546572** e o código CRC **231B51D1**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P722p Pereira Molina, Fernanda

Em pauta as relações sociais que perpassam as questões de gênero no processo de envelhecimento / Fernanda Pereira Molina.

28 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, SERVIÇO SOCIAL, 2021.

"Orientação: Elisângela Maia Pessôa".

1. Pessoa idosa. 2. Gênero. 3. Representação social. 4. Envelhecimento. I. Título.

EM PAUTA AS RELAÇÕES SOCIAIS QUE PERPASSAM AS QUESTÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Fernanda Pereira Molina¹

RESUMO: A pesquisa, desenvolvida durante a execução do trabalho de conclusão de curso, se propôs a estudar e discutir o envelhecimento com recorte na categoria gênero. E, para tanto, objetivou compreender quais relações sociais perpassam as questões de gênero no processo de envelhecimento humano, a fim de promover reflexões quanto às consequências que podem influenciar o cotidiano da pessoa idosa. Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa com recorte bibliográfico de cunho exploratório. Deteve-se como vetor teórico o método dialético-crítico, que dispõe como categorias centrais a totalidade, a historicidade e a contradição e que proporcionou um entendimento mais amplo das relações sociais. Para a coleta dos dados foi utilizada a técnica de observação indireta com instrumento denominado roteiro norteador, possibilitando apanhar obras publicadas em portais digitais com um recorte nos últimos cinco anos. Por conseguinte, a análise dos dados foi de conteúdo. Foi possível constatar que as relações sociais que perpassam as questões de gênero no envelhecimento se atravessaram indiretamente ao longo das discussões dos artigos, destacando-se ao longo da análise: a supervalorização da juventude; o/a idoso/a enquanto incapaz e improdutivo; a depreciação do corpo; e, em especial, a relação social de preconceito à pessoa idosa. No campo das consequências, destacam-se questões que afetam diretamente o cotidiano da pessoa idosa, como depressão, baixa autoestima e isolamento social. Assim sendo, através dos artigos mapeados, constatou-se que os papéis sociais de gênero e as representações do masculino e do feminino estão presentes nas velhices dos/as idosos/as, mantendo assimetrias e desigualdades.

Palavras-chave: pessoa idosa; gênero; representação social; envelhecimento.

PAUTAS DE LAS RELACIONES SOCIALES QUE SOBREPASAN LAS CUESTIONES DE GÉNERO EN EL ENVEJECIMIENTO

Resumen: La investigación desarrollada durante la ejecución del trabajo de conclusión del curso, propuso estudiar y discutir el envejecimiento con un corte en la categoría de género y, para ello, tuvo como objetivo comprender qué relaciones sociales permean las cuestiones de género en el proceso de envejecimiento humano con el fin de promover reflexiones sobre las consecuencias que pueden influir en la vida diaria de la persona mayor. Optamos por realizar una investigación cualitativa con una sección bibliográfica exploratoria. Se utilizó como vector teórico el método teórico-dialéctico-crítico, que tiene como categorías centrales la totalidad, la historicidad y la contradicción, lo que proporcionó una comprensión más amplia de las relaciones sociales. Para la recolección de datos se utilizó la técnica de observación indirecta con un instrumento denominado guión guía, lo que permitió recolectar trabajos publicados en portales digitales con un recorte en los últimos cinco años. Por tanto, el análisis de los datos fue de contenido. Se pudo constatar que las relaciones sociales que impregnan la temática de género en el envejecimiento, fueron cruzadas indirectamente durante las discusiones de los artículos, y que se destaca durante el análisis: la sobrevaloración de la juventud; los ancianos mientras

¹ Acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa (Campus São Borja). Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) orientado pela Prof^a. Dr^a. Elisângela Maia Pessôa.

son incapaces e improductivos; depreciación del cuerpo y en particular la relación social de prejuicio contra los ancianos. En el campo de las consecuencias, se destacan cuestiones que afectan directamente la vida diaria de las personas mayores, como: depresión, baja autoestima y aislamiento social. Por lo tanto, a través de los artículos mapeados, se encontró que los roles sociales de género y las representaciones del hombre y la mujer están presentes en la vejez de las personas mayores, manteniendo asimetrías y desigualdades.

Palabras clave: persona mayor; representación social; envejecimiento.

INTRODUÇÃO

A pesquisa, que resultou no trabalho de conclusão de curso, se propôs a estudar e discutir o envelhecimento, com recorte na categoria gênero. Buscou-se, como objetivo geral, a compreensão sobre quais relações sociais perpassam as questões de gênero no processo de envelhecimento humano, a fim de promover reflexões quanto às consequências que podem influenciar o cotidiano da pessoa idosa. Para compreender as relações sociais que perpassam as questões de gênero no envelhecimento, foram elaboradas indagações para nortear o trabalho, as quais se tornaram os objetivos específicos, sendo estes: identificar de que forma os padrões estéticos repercutem no processo de envelhecimento quanto à questão de gênero; apreender como se manifestam os papéis sociais de gênero no âmbito das velhices de homens e mulheres; distinguir as representações sociais que são retratadas na discussão de gênero acerca da sexualidade no envelhecimento humano; e evidenciar de que maneira a desigualdade de gênero se expressa na vida de idosos/as.

É pertinente evidenciar que a população idosa brasileira, com o passar dos anos, vem aumentando, devido ao crescimento da expectativa de vida ao nascer, em contraponto a minimização da taxa de fecundidade. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018) constata esse aumento e afirmam que o número de idosos/as deve ter um crescimento até o ano de 2042, podendo chegar a 57 milhões. Assim, o Brasil acompanha a tendência de crescimento da população idosa no mundo. Conforme dados do IBGE (2019), as estimativas indicavam que o Brasil tem 210,1 milhões de habitantes, sendo 30 milhões de idosos/as, representando cerca de 13% da população. O aumento da expectativa de vida é um dos indicadores do crescimento da população idosa no Brasil, sendo que em 2019 a expectativa de vida ao nascer equivalia a 76,6 anos, em média, sendo para os homens de 73,1 anos e as para mulheres de 80,1 anos (IBGE, 2020).

Para efeito de contagem, é considerada como pessoa idosa no Brasil aquela que tenha a partir de 60 anos, de acordo com o Art. 1º do Estatuto do Idoso (2003) – do mesmo modo definida na Política Nacional do Idoso (1994). Porém, para além da idade cronológica, procura-se compreender e conceituar a velhice e o processo de envelhecimento humano. As velhices podem ser determinadas como uma das etapas da vida e, com isso, entende-se que o envelhecimento é um processo inerente a todo ser humano, sendo assim uma etapa natural da existência humana. Teixeira (2008, p. 40) ressalta que “o envelhecimento também é um processo biopsicossocial, em que o ritmo, duração e efeitos do envelhecimento fisiológico reportam diferenças conforme fatores socioeconômicos, psicológicos, dentre outras diferenças [...]”.

Segundo Beauvoir (1970, p. 176), “a velhice deve ser assimilada em sua totalidade, e se constitui como um fenômeno biológico com consequências psicológicas que acarretam comportamentos que são apontados como características da velhice”. Essa fase da vida constitui em um processo que está relacionado com a idade do ser humano, porém a idade não deve ser o único fator para defini-la, mas sim determinadas características sociais, biológicas e psíquicas. Evidencia-se que o envelhecimento “é um processo de diminuição orgânica, não decorrente da doença, e com que acontece inevitavelmente com o passar do tempo” (ERMINDA, 1999, p. 43).

Há que se refletir sobre a categoria “velhices”. Ser apenas vislumbrada como um fator biológico é se distanciar de características sociais e culturais que a diferenciam. Ou seja, as velhices não são um processo homogêneo, uma vez que não é igual para todos/as. Conforme destaca Alcântara (2004, p. 15), “ser velho depende de uma variedade de fatores como o sexo, a origem étnica e cultural e o fato de pessoas viverem em países industrializados ou em desenvolvimento, nesse sentido envelhecem de diferentes formas”. Mota (1999, p. 191) aponta que “ser velho é uma situação vivida em parte homoganeamente e em parte diferencialmente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade e geração”. Para além dos marcadores sociais indicados por Teixeira (2019), ainda há que se referendar outros fatores que corroboram “com a visão de uma velhice extremamente heterogênea, envolvendo múltiplas dimensões como a biológica, cronológica, social, demográfica, econômica, cultural, psicológica, ideológica e política” (COSTA; SOARES, 2016, p. 62).

A heterogeneidade da velhice vem se tornando uma constante, tanto que tem se utilizado o termo “velhices”, no plural. Por isso, neste estudo opta-se por usar o referido termo, exceto quando se tratar de citações em respeito à perspectiva de diferentes autores/as. É destacado por Benedito (2017) que a temática das velhices tem se tornado um tema de grande interesse do

final do século XX e início do século XXI, produzindo estudos, pesquisas, criação de serviços, produtos estéticos e mídia direcionada a esse público. Isso devido ao fato do aumento expressivo da população idosa e, da mesma forma, do aumento da longevidade, passando as velhices a serem consideradas uma problemática para a ordem do capital, uma vez que ser idoso/a para o capitalismo é não possuir mais valor-de-uso, transformando-se em gastos para a classe burguesa. Assim, novas terminologias foram criadas para designar os velhos de hoje, como terceira idade, idade de ouro e melhor idade. Com a oferta de produtos e serviços que possuem como finalidade a manutenção do sistema capitalista, possibilitando a acumulação de capital.

A partir da compreensão de que o processo de envelhecimento é atravessado por diversos fatores, dentre eles, sociais, a pesquisa buscou evidenciar as discussões de gênero como um dos aspectos que envolvem o envelhecimento humano. Para compreender sobre a categoria gênero, é fundamental entender que existe uma série de concepções. Korin (2001, p. 12) refere-se ao gênero como “atributos, funções e relações que transcendem o biológico/reprodutivo e que, construídos, social e culturalmente, são atribuídos aos sexos para justificar diferenças nas relações de poder/opressão entre os mesmos”. Scott (1995, p. 72) assinala que o termo gênero teve sua primeira aparição entre as feministas americanas, que o utilizaram para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, e, assim, foi criado “para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico”. Foi a partir daí que as feministas o utilizaram para desenvolver estudos sobre as mulheres. O termo gênero apontava uma rejeição ao determinismo biológico que era empregado às mulheres e aos homens através dos termos recíprocos “sexo” e “diferença sexual”.

Por conseguinte, o gênero se funda como uma categoria de análise e é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Como, por exemplo, na definição de Scott (1995, p. 75), quando o mesmo indica gênero enquanto “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder”. Tanto o é que, quando se fala da homogeneização da velhice, há que se entender que a mesma “não é abstrata e a-histórica; ao contrário, é definida por fatores como posição na estrutura produtiva, nas estruturas sociais e culturais geradoras de relações assimétricas de poderes, opressão e subordinação, como a de classe, gênero, raça e geracional” (TEIXEIRA, 2018, p. 127).

Consequentemente, evidencia-se que a categoria “gênero” é indispensável para se pensar o envelhecimento humano, visto que ser idoso/a na sociedade capitalista está cercado de estigmas e preconceitos, podendo a pessoa ser considerada como inútil e excluída,

principalmente aquelas que deixaram de contribuir para a produção da mais valia mediante a venda de sua força de trabalho. Por esse motivo, ser velho/a na contemporaneidade é um grande desafio, principalmente quando relacionado às questões de gênero. Pois, além de ser marginalizado pela questão das velhices, ainda pode ter acrescido ao seu cotidiano consequências das desigualdades impostas à condição de estar homem ou mulher em determinado contexto social.

A motivação para a construção deste estudo deu-se através de aproximações com a temática do envelhecimento durante a graduação em Serviço Social, no componente de Pesquisa II e no Estágio Supervisionado que foi realizado em uma Instituição de Longa Permanência, o que possibilitou uma vivência mais próxima da realidade dos/as idosos/as. No decorrer do processo, percebeu-se necessária a discussão do envelhecimento com recorte na categoria gênero.

A temática torna-se relevante em razão do envelhecimento, na perspectiva de gênero, ser ainda pouco explorada e discutida na área acadêmica, principalmente no Serviço Social, o que possibilita uma significativa contribuição. Logo, o estudo é importante para promover reflexões quanto às consequências que as questões de gênero podem influenciar no cotidiano da pessoa idosa e viabilizar o debate, para que haja avanço nas discussões e no desenvolvimento de estudos que proporcionem ouvir e refletir sobre os anseios do segmento idoso e sobre a desmistificação de preconceitos e tabus.

Diante disso, este estudo buscou trazer para o debate a articulação do envelhecimento humano com a categoria “gênero”, através do método dialético crítico, pois é um modo de pensar a realidade a partir de suas diferentes aparências. O movimento dialético-crítico contribui para a compreensão da totalidade, ou seja, é preciso emergir do cotidiano social, investigando sua ligação aos fatores estruturantes (LARA, 2007). Desse modo, para a compreensão da realidade optou-se pelas categorias centrais do método: totalidade, contradição e historicidade, o que possibilitou uma apreensão mais vasta das relações sociais produzidas por inteiro, não sendo capaz de ser entendidas isoladamente.

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa com recorte bibliográfico e de cunho exploratório. Conforme Minayo (1994, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Justifica-se sua escolha pela contribuição em proporcionar a riqueza dos detalhes que envolvem as relações sociais sem reduzir os fenômenos a concepções simplistas. Já o recorte de pesquisa bibliográfica leva em conta uma “base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Dessa

forma, entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura já publicada para fundamentar e compreender teoricamente o objeto em pesquisa.

A coleta de dados foi realizada através de um recorte de obras produzidas entre os anos de 2015 e 2020. Essas obras foram selecionadas em plataformas digitais como portal Scielo e Google Acadêmico, mediante os seguintes descritores: gênero e envelhecimento; estética e envelhecimento; papéis de gênero no envelhecimento; sexualidade e envelhecimento; e desigualdade de gênero no envelhecimento. Apoiado nisso, foi selecionado um conjunto de oito produções acadêmicas que, em sua maioria, foram publicadas nas áreas de ciências sociais aplicadas e ciências humanas. A análise dos dados foi a de conteúdo executada em três fases: pré-análise, análise do material e, por fim, tratamento dos resultados conforme Richardson (2017).

Para atender aos objetivos e às questões norteadoras propostas pelo estudo em termos de organização, o trabalho está dividido em duas sessões e ainda nas considerações finais. A sessão um, intitulada “Quando o gênero determina padrões estéticos e a sexualidade no processo de envelhecimento”, discorre a respeito da forma em que os padrões estéticos impactam o processo de envelhecimento e sobre as representações sociais que são retratadas na sexualidade da pessoa idosa, levando em consideração questões de gênero.

Ademais, na sessão dois, intitulada “Papéis de gênero que determinam as relações sociais nas velhices”, disserta-se acerca de como se manifestam os papéis sociais de gênero no âmbito das velhices de homens e mulheres e também se evidencia de que maneira a desigualdade de gênero se expressa na vida de idosos/as. E, por fim, apresenta-se como as relações sociais perpassam as questões de gênero no envelhecimento, evidenciado quais as consequências que influenciam o cotidiano da pessoa idosa.

1 - Quando o gênero determina padrões estéticos e a sexualidade no processo de envelhecimento

A categoria “gênero”, como destacado anteriormente, é um dos aspectos que envolvem o processo de envelhecimento humano, uma vez que o ato de envelhecer não é vivenciado de forma homogênea, se estendendo para relações sociais já estabelecidas entre homens e mulheres. Dessa forma, compreenda-se que a questão estética e sexual é processual, porém não desvinculada de questões históricas. A vista disso, busca-se neste item apresentar de que forma os padrões estéticos impactam o processo de envelhecimento e as representações sociais que

são retratadas na sexualidade sob a luz da categoria “gênero”, uma vez que ambas as vertentes – estética e sexualidade – apresentam diferenciações quando se trata das relações sociais estabelecidas em torno de mulheres e homens velhos.

Através dos artigos mapeados, questionou-se de que forma mulheres e homens idosos/as são confrontados quanto a necessidade de busca por jovialidade e padrões estéticos e como a aparência repercute nas relações sociais dessas pessoas. Conforme Vieira *et al.* (2016, p. 204), “vive-se numa sociedade urbana e capitalista, a qual supervaloriza a juventude e que existe uma preocupação excessiva com a aparência e com os meios de adiar o envelhecimento”. Da mesma forma, lida-se com uma mídia que constantemente estabelece padrões estéticos referentes à jovialidade. Assim sendo, a forma jovem se torna mais valorizada do que o corpo envelhecido, porque esse corpo acaba não se encaixando nas expectativas sociais e propiciando a incansável busca pela juventude e por corpos perfeitos. Para além disso, o artigo de Bitencourt (2015, p. 449) vai indicar que “há um modelo de corpo e de beleza socialmente valorizado, especialmente no Brasil”.

Nessa perspectiva, o artigo de Limoeiro (2016) destaca que há, no discurso de muitas mulheres e de alguns homens idosos, o medo de perder determinados atributos que são valorizados na sociedade atual. O surgimento de traços como celulite, estrias e rugas – que se manifestam em seus corpos em decorrência da passagem do tempo – pode ser compreendido, na cultura vigente, como parte de um processo de perda da beleza. Um dado que se mostrou relevante nos artigos é o foco apenas na estética das mulheres, manifestando, ainda que de certa forma, a invisibilidade da estética do homem. Essa constatação visibiliza o debate do cuidado do corpo como uma construção de gênero na sociedade, como afirma Goldenberg (2009, apud BITENCOURT, 2015, p. 445):

Na cultura brasileira o cuidado do corpo reflete diretamente uma ótica baseada na construção do gênero, pois os homens mesmo que atualmente têm se mostrado mais interessados em cuidar do corpo por meio de dietas, prática de exercícios físicos e consumo de vitaminas e cosméticos e até intervenções cirúrgicas, as mulheres ainda sofrem mais o “peso da idade”, considerado o corpo como capital e a grande valorização da juventude feminina na cultura brasileira; as mulheres de meia-idade ainda são as que mais vivenciam na sociedade “o lado negativo” do envelhecimento do corpo.

Por conseguinte, é demonstrado, na maioria dos artigos analisados, essa pressão estética focada nas mulheres, sendo que com o avançar da idade as exigências a um padrão de beleza inalcançável se intensificam com cobranças em relação a sua estética e ao seu corpo, como mencionado por Monteiro (2008, apud FIN *et al.*, 2015, p. 141): “a mulher que se recusa a

pintar os cabelos brancos encontra-se inapropriada para viver em comunidade, uma vez que é considerada desleixada e passível de isolamento”. De acordo com Debert e Goldenberg (2010, 2009, apud BITENCOURT 2015), é ofertada a juventude eterna através do uso de cosméticos, vitaminas e cirurgias plásticas, com a intenção de retardar o envelhecimento e apresentar uma aparência mais jovem por um maior tempo de vida, cada vez emerge com maior intensidade. Essa cobrança excessiva sobre o corpo e a estética das mulheres é mais uma forma de dominação do patriarcado, o que afeta brutalmente sua autoestima, seu amor-próprio e principalmente sua saúde mental, que é tomada por discursos que a aprisionam a um ideal de beleza que foi criado pela sociedade.

É necessário que haja compreensão de que o corpo sofre alterações com o passar dos anos, fazendo parte do ciclo da vida humana. Fin *et al.* (2015, p. 135) sublinham que “as alterações corporais decorrentes do envelhecimento não são representadas como doenças, no entanto podem causar danos psicológicos severos”. As/os autoras/es também apontam que as consequências da insatisfação com o corpo e a busca pela juventude associam-se a transtornos alimentares, depressão e isolamento social. E que na sociedade atual na qual vive-se ser jovem significa ser belo. Diante disso, observa-se que a pessoa idosa, além de poder ser considerada como inútil e descartável pela sociedade capitalista, sofre duplamente na tentativa de se encaixar nos padrões de beleza postos², num processo que deixa ainda mais vulnerável as mulheres idosas (MACLAUREN, KUH, 2004, MATTANA, 2013, apud FIN *et al.* 2015).

Porém, observou-se em um dos artigos analisados um contraponto em relação à necessidade de busca pela jovialidade, revelando que nem todas as mulheres entram na roda da beleza, como acentua Fin *et al.* (2015, p. 146):

há mulheres que aceitam naturalmente as mudanças corporais advindas do envelhecer e atribuem à religião um certo orgulho de chegar à velhice, convivendo na forma que Deus lhes deu, sem relutar ou submeter-se a intervenções estéticas agressivas em prol da jovialidade.

Esse é um dado de significativa importância, pois demonstra que não são todas as mulheres que necessitam se encaixar nos padrões de beleza e que muitas aceitam seus corpos ao chegarem nas velhices, seja por questões religiosas, seja por opção a um estilo de vida próprio. No entanto, é pertinente o destaque para o reforço social que negativa a imagem das mulheres idosas, como é demonstrado nos artigos e sublinhado por Eloi *et al.* (2017),

² “A figura estereotipada da velhice estabelece posturas e condutas a serem seguidas pelos idosos. Existe um conjunto de práticas sociais que promovem a renovação do corpo envelhecido, da identidade e autoimagens, no intuito de encobrir problemas próprios da velhice ou até mesmo de sua existência” (ELOI *et al.*, 2017, p. 62).

evidenciando que, mesmo que a mulher não siga um padrão de beleza juvenil, ela é prejudicada e da mesma forma é ridicularizada por tentar se encaixar nesses padrões, na tentativa de parecer jovem. Nesse sentido, teríamos um duplo contraditório, ao mesmo tempo que se cobra jovialidade da mulher idosa, a mesma pode ser ridicularizada quando passa se “comportar” ou usar roupas consideradas para “jovem”.

Em leitura complementar, Wolf (2020, p. 57), em seu livro *Mito da Beleza*, ao se referir ao padrão de beleza que é empregado para as mulheres, ressalta que “um padrão de perfeição para o corpo masculino jamais chegou a ser determinado legalmente dessa forma”. E salienta que nem mesmo o próprio padrão feminino foi definido. Dessa maneira, nos artigos pesquisados é evidente essa confirmação quando abordada a estética do corpo do homem, expondo que o foco é na sua virilidade.

Na subcategoria potência versus fragilidade compõe-se do dilema existente entre o corpo jovem e o corpo velho, ao qual, ergueu-se no discurso de um participante e reafirmado pelos demais, o ideal de que o homem quando chega à velhice torna-se frágil diante das inúmeras atividades, inclusive a respeito da sua potência física e sexual (LIMA *et al.*, 2018, p. 120).

Outro argumento retratado nos artigos é a questão de que a beleza do homem, quando chega na velhice, é vista como positiva e atraente, e que os “anos a mais” só trazem charme e elegância, sendo o oposto quando se fala em estética das mulheres velhas. Como é citado em um dos artigos:

“Quando me olho no espelho, acho que já fui mais bonito, mas o que perdi em beleza, o que é relativo, ganhei em charme e elegância”. E esses ganhos foram mencionados apenas pelos homens. Uma mulher (47 anos), ao responder se existe diferença entre o envelhecimento masculino e feminino, disse: “Sim, a juventude em relação à mulher é muito mais cobrada, mulher de cabelos brancos é velha; no homem, cabelos brancos são um charme” (LIMOEIRO, 2016, p. 113).

Essa discussão enfatiza o debate sobre a construção do gênero em relação ao cuidado do corpo, uma vez que para os homens a cobrança estética não acontece de forma excessiva. Lima *et al.* (2018), por exemplo, enfatizam que os cuidados relativos ao corpo do homem, na maioria das vezes, são negados. E a sua ausência é aguçada pelo patriarcado e principalmente por estereótipos ligados à masculinidade, “onde a ausência de busca por cuidados existentes nesses setores são motivados pela crença patriarcal de que o homem é forte e resistente aos mais variados tipos de adoecimento” (LIMA *et al.*, 2018, p. 120). Tanto que Monteiro (2008, apud FIN *et al.*, 2015, p. 148) enfatiza que “em alguns casos de mulheres que mantêm o tom esbranquiçado dos fios, essas acabam cedendo à coloração por pressão social”.

Assim sendo, constata-se que a pressão estética e os padrões de beleza presentes na sociedade são fortemente postos para as mulheres velhas, que experimentam as velhices de forma distinta dos homens velhos. Mesmo que o homem idoso ainda sofra com os padrões de beleza, existe uma grande diferença na sua vivência e na forma como é cobrada a jovialidade, visto que para os homens é notório a construção da masculinidade referente ao cuidado com seus corpos. Referente à discussão acima, o autor Bourdieu (apud BITENCOURT, 2015) - um dos artigos mapeados - reitera o debate sobre a existência de uma dicotomia de gênero na sociedade relacionada à estética:

Em relação ao corpo envelhecido de homens e mulheres, o discurso sobre a construção cultural do gênero corrobora para pensarmos que homens e mulheres envelhecem de forma diferente, ou seja, dão significados moldados a partir de uma lógica de gênero dicotômica e desigual (BOURDIEU, 1999, apud BITENCOURT, 2015, p. 445).

Em virtude dos fatos mencionados, pode-se concluir que o processo de envelhecimento provoca nos/as idosos/as uma autopercepção negativa em relação aos seus corpos envelhecidos, em especial nas mulheres. Constantemente os/as idosos/as acabam se enxergando como não atraentes, levando a acreditar que seus corpos estão fora dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade. Por isso, é importante a aceitação do envelhecimento do corpo e as consequências dele advindas, para que haja um fortalecimento da autoestima e do amor próprio de homens e mulheres idosos. Ainda que sofram de forma diversa a pressão estética, eles são vítimas de padrões de gênero que são socialmente estruturados na sociedade (URQUIZA *et al.* 2008, apud VIEIRA *et al.*, 2016). Infelizmente, tal postura em relação à cobrança estética sobre as pessoas idosas, principalmente sobre as mulheres velhas, indica que “existe um conjunto de práticas sociais que promovem a renovação do corpo envelhecido, da identidade e autoimagens, no intuito de encobrir problemas próprios da velhice ou até mesmo de sua existência (ELOI, *et al.*, 2017, p. 62).

Como contemplado no discorrer do item, percebe-se a relevância da discussão quanto à virilidade e à potência física e sexual do homem, consideradas atributos positivos para sua vivência nas velhices. E, quando não vivenciadas de forma plena em razão do envelhecimento do corpo, acarretam a sua vulnerabilidade em meio às cobranças exigidas pela sociedade a respeito de sua sexualidade e estética, o que abre margem para uma

indústria farmacêutica que investe em tratamentos de reposição hormonal e impotência sexual, tornando possível novas experimentações com relação à vida sexual na velhice. Em contrapartida, os idosos são ridicularizados ao expressarem suas

sexualidades e vivenciarem novos modos de vida durante a velhice (ELOI *et al.*, 2017, p. 68).

Percebeu-se nos artigos a repressão existente em relação à sexualidade da mulher idosa, como destacado por Mesquita (2014, apud MONTEIRO, 2020), que demonstra que mesmo em pleno século XXI a sexualidade é coberta por preconceitos e tabus, em especial a sexualidade do universo feminino, evidenciando que a mulher é reprimida desde criança para não usufruir de sua sexualidade, cercada por restrições de como portar-se diante da sociedade. Da mesma forma, é ponderado por outros autores, em um artigo de apoio, que as mulheres foram criadas para serem esposas delicadas e respeitadas, demonstrando a alteridade em comparação com a sexualidade dos homens (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007).

Além do mais, a sexualidade ao longo da história sempre esteve cercada de tabus e preconceitos e sobretudo nutrida por repressões religiosas e morais. Foucault (1998), em seu livro *História da Sexualidade*, retrata que a sexualidade diretamente ligada ao ato sexual é cercada por valores religiosos e é posta em condições associadas ao pecado e à maldade. E que, para a mulher no interior do seu casamento, teria apenas como finalidade a reprodução. Quando se trata da pessoa idosa “historicamente, a sexualidade durante o envelhecimento foi negada a partir de normas socioculturais, que impõe ao idoso um perfil de assexualidade e vulnerabilidade, dificultando a experiência sexual na velhice” (ELOI *et al.*, 2017, p. 62).

Outra questão relevante para considerar, e que está presente nos artigos, é a educação moral rígida que muitos idosos/as tiveram em sua juventude. Muitos não tiveram a oportunidade de receber uma educação sexual “sadia”, ou seja, a promoção do diálogo, a troca de experiências e o incentivo à autonomia quanto ao exercício da sua sexualidade; e sim uma educação que estigmatiza e considera a sexualidade como impróprio e impuro. Assim, “impõe-se a ideia de que, durante o envelhecimento, o desejo sexual diminui e os modos de vivenciar a sexualidade mostram-se limitados, gerando o tabu da existência da sexualidade no idoso” (ELOI *et al.*, 2017, p. 62). Com isso, pode-se acentuar que os/as idosos/as neutralizaram, por um maior tempo, noções equivocadas sobre sua sexualidade e, quando se defrontam com as velhices, a relação com seu corpo e sua sexualidade torna-se complexa. Porque, além de tudo, precisa lidar com os estereótipos e os tabus ao qual estão envolvidos (ALMEIDA; LOURENÇO, 2007).

A dicotomia existente entre homens e mulheres a respeito da sexualidade se torna clara³: enquanto as mulheres velhas são reprimidas no exercício de sua sexualidade, os homens nas

³ “[...] referenciais ao qual a sociedade diferencia os gêneros, proporcionando a visualização da lógica dos significados que determina o sexo biologicamente, colocando a mulher diante da concepção de fecundidade e procriação e o homem enquanto potencial fecundador, onde o ‘encorajamento para a doçura do lado feminino

velhices são pressionados a manter ativa a sua sexualidade, encontrando-se entrelaçados no ideal performático de masculinidade que se criou na sociedade, sendo esses estimulados ao uso constante de medicações que os mantenham ativos sexualmente (LIMA *et al.*, 2018). É importante ressaltar que a maioria dos artigos mapeados faz menção à sexualidade de uma forma geral com poucos recortes expressivos em relação à questão de gênero. A falta de discussão sobre a temática da sexualidade com recorte na categoria gênero indica, como possibilidade, um menor interesse sobre estudos acerca da sexualidade dos/das idosos/as, podendo ser considerado um assunto não relevante para estudo. A falta de produção dificultou a elaboração da discussão neste trabalho acerca desse recorte.

O processo de envelhecer na atualidade se mostra um grande desafio para os/as idosos/as principalmente pela imposição de um padrão de beleza, de tabus e preconceitos referentes à sexualidade. Assim, “o envelhecimento não deve mais ser vivenciado como uma das fases que faz parte do ciclo da vida, mas como algo que deve ser combatido, prevenido e postergado; portanto, esquecido” (BITENCOURT, 2015, p. 447). Dessa forma, carregam sozinhos a pressão para estar dentro das normas sociais, o que impacta diretamente a vida dessas pessoas. Segundo Lima *et al.* (2018, p. 119), ao falar sobre a expressão do corpo no sentido da vida, “o corpo é um forte produtor de sentido, seja na representação estética de beleza como de vigor físico, colocado como sendo um poderoso aliado para uma prolongação da vida”.

Por isso tudo, é necessário que haja uma construção de um discurso positivo acerca dos corpos envelhecidos e uma valorização dos/das idosos/as frente a sociedade, produzindo assim a aceitação das velhices e as consequências delas advindas, para que, conseqüentemente, os/as idosos/as possam vivenciar esta fase da vida de uma forma mais leve, distanciando-os/as dos estigmas que hoje os/as cercam (VIEIRA *et al.*, 2016). Logo, é urgente a busca por uma concepção das velhices, por parte da sociedade, de uma forma mais aberta, reforçando a necessidade de conhecimento e debate a respeito do processo de envelhecimento humano, tendo como central a premissa de que o Estado deve assegurar políticas públicas que garantam a vida digna desta população.

2 – Papéis de gênero que determinam as relações sociais nas velhices

tem em contrapartida do lado masculino o encorajamento à virilidade”’. (LE BETRON, 2007 apud LIMA *et al.*, 2018, p. 113).

Considerando que o processo de envelhecer de homens e mulheres é heterogêneo, ou seja, possui diferenças e desigualdades na sua vivência, sobretudo quando relacionadas às questões de gênero – conforme já pontuado no item anterior -, é fundamental identificar como se manifestam os papéis sociais de gênero atribuídos no âmbito das velhices de homens e mulheres, compreendendo que a categoria “gênero” abrange atributos e funções que são socialmente construídos e que vão adiante do sexo biológico (GOMES, *et al.*, 2007). Dessa forma, as diferenças biológicas de sexo são acompanhadas das diferenças de papéis sociais e de responsabilidades. Por isso, ser homem ou mulher acarreta a construção de atitudes e valores que são previamente estabelecidos pela sociedade, gerando estereótipos em relação à masculinidade e à feminilidade.

Por conseguinte, também há necessidade de evidenciar de que maneira a desigualdade de gênero se expressa na vida de idosos/as, e dessa forma fomentar uma possível consciência da temática do envelhecimento humano, compreendendo que estudos demográficos apontam cada vez mais para o aumento de idosos/as. De acordo com dados do Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso - Sisap-Idoso (2021), a respeito do índice de envelhecimento do Brasil, em 2019, 56,62% da população idosa brasileira era de homens, e 75% era de mulheres. Desse modo, leva-se em conta que há uma predominância de mulheres idosas, tornando-se necessário pensar nos aspectos importantes sobre o envelhecimento perante a desigualdade de gênero.

Reforça-se que gênero, enquanto elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995), determina a diferença sexual mediante práticas que atestam o significado do que é ser homem e mulher. Sardenberg (2015, p.69) ressalta que se verificou “a existência de uma tendência universal a se tomar as diferenças percebidas/construídas entre os sexos como base para estabelecimento de uma divisão sexual do trabalho e uma hierarquia entre os sexos.” E dessa forma, os estudos de gênero contribuem para promover a reflexão das constituições das diferenças de gênero na organização dos espaços de sociabilidades ocupados por homens e mulheres, inclusive refletido sobre o fato de estruturarem-se a partir das relações de poder que se intensificam pela própria estrutura produtiva. No caso do Brasil, capitalista.

Assim sendo, através dos artigos mapeados, constatou-se que os papéis sociais de gênero e as representações do masculino e do feminino estão presentes nas velhices dos/as idosos/as, mantendo assimetrias e desigualdades. Como exposto por Daniel *et al.* (2016, p. 360) em pesquisa que busca detectar os impactos das concepções diferenciadas de homens e mulheres idosos,

[..] para muitas das mulheres o envelhecimento ativo significa manter as suas atividades e responsabilidades no domínio doméstico e familiar – “cozinha”, “neto”, “ajuda”. Manter-se ativa é conseguir realizar as tarefas domésticas, para 18 das mulheres inquiridas. Emerge também a dimensão da prática religiosa, no “ir à missa”, como elemento de manutenção de si como pessoa ativa no envelhecimento. Já os homens elegem o jogo e o desporto como elemento de preservação da atividade, o ser independente (no sentido de não carecer dos cuidados de terceiros/as), a fruição (na “comida”) e o “trabalho intelectual”. Um sublinhar das atividades do fruir que, provavelmente, já desenvolvem antes do envelhecer, mas assumindo-se mais como “senhores de si” e menos “voltados para os outros” como no caso das mulheres.

Com base nisso, percebe-se como estão atribuídos os papéis de gênero para ambos os sexos: a mulher idosa está restrita ao ambiente privado e se encarrega do cuidado doméstico e familiar – que inclui cuidados com netos/as. O homem tem como papel prover a família e ser independente. Condutas essas destacadas pelos/as autores/as da citação acima mediante pesquisa, conforme evocações descritas pelos/a idosos/as para um envelhecimento saudável e ativo. Enfatizam também que os papéis sociais impostos aos homens sempre estiveram ligados às responsabilidades no domínio público, de sustento, de orientação, de competitividade, indecência e força, e para a mulher papéis no domínio privado, do cuidado de outros, de domesticidade e feminilidade. Esse cenário somente vem reforçar o que historicamente ocorre na relação homem e mulher, levando em conta todo ciclo vital humano independente de idade cronológica.

Os papéis sociais de gênero que são designados ao masculino e ao feminino constituem-se mediante uma construção social que é atribuída aos sexos. Papéis esses que diferenciam o lugar que cada um ocupa na sociedade. De modo a complementar o debate, apresenta-se à discussão Sardenberg (2015, p. 71), que aponta o fato da

as divisões de gênero precedem o surgimento do capitalismo, mas, no seu desenvolvimento, o capitalismo adotou, adaptou e faz uso dessa divisão entre homens e mulheres, de sorte que a divisão sexual do trabalho e a subordinação da mulher se imbricaram a tal ponto na dinâmica do capital, que se tornaram elementos cruciais, mesmo não sendo essenciais. Historicamente, essa imbricação se manifestou, em particular, no sistema casa-família, em que o ‘salário família’ permitiria, em tese, a reprodução da divisão sexual do trabalho, mantendo as mulheres na domesticidade.

Ainda se valendo de obras de apoio à análise realizada, indica-se o livro *O Segundo Sexo*, de Beauvoir (1980), que, com base em Hegel, afirma que os dois sexos são diferentes, um é ativo e o outro é passivo, portanto, as mulheres serão as responsáveis pela passividade. A mulher é um princípio passivo mantido em sua unidade não desenvolvida, enquanto o homem é um princípio ativo. Assim, verifica-se que as construções sociais de gênero desde muito cedo

são impostas para os sexos, logo no nascimento, com a escolha do enxoval conforme cores que são designadas de acordo com o sexo do bebê: rosa para menina e azul para menino, além do famoso “chá de revelação” que tem ocorrido na contemporaneidade com muita frequência (MESQUITA, 2014, apud MONTEIRO, 2020, p. 13130). Dessa maneira, nota-se que os papéis sociais de gênero estão presentes e postos na sociedade de forma resistente, inserindo-se nas relações e resultando na construção das desigualdades, estando apoiados na estrutura de poder da sociedade patriarcal.

Percebe-se, em um dos artigos pesquisados, que a geração mais velha experienciou por um maior tempo relações e assimetrias de gênero. E, como resultado, naturalizou noções sobre papéis masculino/feminino (FERNANDES, 2009, apud DANIEL *et al.*, 2016). Dessa maneira, pode-se afirmar que é notório que vive-se em uma sociedade que impõe como algo “natural” e “correto” a divisão sexual do trabalho, e conseqüentemente os/as idosos/as reproduzem de maneira mais espontânea as noções sobre os papéis sociais de gênero, o que culmina na desigualdade de gênero ser mais aguçada nas velhices, considerando inclusive a historicidade de uma geração onde a disparidade de sexos constituiu-se de forma mais acirrada.

Com isso, ser homem e mulher sexagenário têm suas diferenças. Dando destaque às mulheres idosas, nota-se que elas continuam invisíveis e excluídas na sociedade, levando em consideração que sempre foram alvo de discriminação e preconceitos e, sobretudo, sempre foram colocadas em um lugar de subordinação ao homem (FERNANDES, 2009; BOURDIEU, 2012). No tocante à mulher idosa, como demonstrado por Monteiro (2020, p. 13131),

As mulheres iguais ou acima de 60 anos passam por várias discriminações e/ou preconceitos sexistas e gerofóbicos, o qual sofrem na pele não só por serem mulheres, mas também por serem velhas agora. Evidenciando que os padrões da sociedade sexista, são estabelecidos a partir das relações efetuadas entre os domínios do público e do privado, sendo o masculino associado ao mundo público, e o feminino, ao domínio da casa. E no decorrer do envelhecimento, esses padrões se tornam mais rígidos com essas mulheres, que são sempre vigiadas e controladas.

Isso posto, verifica-se que a mulher idosa sofre uma dupla discriminação, vivenciando a desvalorização pela fase da sua vida e principalmente por ser mulher. Essa discussão encontra-se presente em estudos que se referem à temática da categoria “gênero e envelhecimento”. Artigo complementar indica que na sociedade capitalista de consumo “é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado” (SALGADO, 2002, p. 12).

Em contrapartida, constatou-se em leituras complementares que, para alguns/algumas autores/as (SILVA, 2006, FERNANDES, 2009, DEBERT, 2013), a discussão sobre papéis sociais de gênero, no que diz respeito ao envelhecimento feminino, é abordado de forma mais otimista. Consideram que a mulher idosa vivencia a fase da velhice de maneira mais agradável que o homem velho, uma vez que a mulher não experimentaria uma ruptura tão brusca em relação ao trabalho e tão violenta como a dos homens na aposentadoria.

Outra obra de apoio aborda que os homens idosos quando se deparam com a velhice e com a sua ruptura do mercado de trabalho, em virtude da aposentadoria, acabam perdendo o status social de homem provedor e ativo, papel de gênero esse que é excessivamente exigido para os homens, assim acarretando a sua discriminação e marginalização na sociedade. Dessa forma, este homem se vê condicionado ao ambiente privado, no lugar que sempre teve o domínio das mulheres que cuidam dos/as filhos/as e da família, passando a vivenciar a discriminação que já é sentida pelas mulheres (SILVA, 2006).

À vista disso, há a possibilidade de o homem idoso encontrar-se em situação passível de isolamento, o que pode acompanhar o sentimento de perda do que é considerado pela sociedade como suas principais “capacidades/atributos”, as quais definem o seu papel enquanto provedor, de deter força física, de ter sua assertividade e de manter-se ativo em relação a sua potência sexual. Assim, pode-se afirmar que para os homens velhos torna-se complexo a sua aceitação e o seu “enquadramento”⁴ dentro da sociedade que desde sempre atribui papéis e funções a ambos os sexos.

Estudo de Motta (1999) acerca de gênero e envelhecimento enfatiza que existem diferentes expectativas sociais que norteiam a trajetória de homens e mulheres que hoje são velhos, ou seja, sempre estiveram cercados por papéis de gênero que estabelecem um conjunto de expectativas que os orientam. Desse modo, a autora também expressa que os valores e padrões presentes nas elocuições sobre o que deve ser o masculino e o feminino são, propriamente, o que consiste na distinção entre práticas e representações de velhas e velhos. Destaca-se nesse sentido um artigo da amostra apontando que:

a relação das mulheres com um corpo socialmente valorizado e dos homens com a questão do ser ativo, ou seja, mostrar força a partir do trabalho, apresentou-se como sentidos que expressam a força das representações de gênero em uma geração de pessoas que, mesmo que tenha vivenciado a emergência dos novos movimentos

⁴“Os preconceitos assimilados culturalmente, ligados a papéis tradicionais de gênero, dificultam o trânsito do homem idoso na ocupação do seu tempo livre. As dicotomias trabalho/lazer, industrial/manual, teoria/prática, mente/corpo, ciência/arte, objetividade/subjetividade, reveladoras do que cabe a cada sexo, nos dão a dimensão de sua dificuldade de participar em novas atividades” (SILVA, 2006, p. 37).

sociais, especialmente o movimento feminista, ainda se reconhecem como homens e mulheres a partir de oposições binárias (BITENCOURT, 2015, p. 451).

Diante da discussão exposta, é necessário pensar acerca das velhices de homens e mulheres idosos compreendendo que, ao longo de suas vidas, construíram diferentes⁵ experiências e trajetórias sociais, apoiados a distintos marcadores sociais que os cercam. Com isso, pode-se afirmar que homens e mulheres se posicionam de maneira diversa nas relações sociais. E, da mesma forma, são afetados por elas. Todavia, refletir a respeito das velhices de forma homogênea em relação aos papéis sociais que lhe são atribuídos é supor que há um substrato comum que estaria presente em todas as sociedades. Por isso, é essencial evidenciar que o avanço da idade pode ser experimentado e assimilado de modo muito díspar (DEBERT, 2013).

A partir das discussões elencadas nesta pesquisa, buscou-se compreender quais as relações sociais que perpassam as questões de gênero no envelhecimento. Tal resposta não se apresentou de maneira direta, mas indireta, na medida em que os artigos expõem questões transversais que rebatem diretamente no processo de envelhecimento e, portanto, determinam relações sociais. Uma das principais relações sociais, explicitada de maneira evidente nos artigos e abordada neste estudo, é a supervalorização da juventude pela sociedade capitalista, principalmente quando relacionada à questão estética. Da mesma forma, imprime-se o estigma de que as pessoas idosas são incapazes e improdutivas – mesmo sendo real o fato de que muitos/as idosas/as sustentam famílias inteiras -, uma vez que ser idoso/a na sociedade capitalista está cercado de estereótipos e preconceitos.

Não raro, idosos/as são considerados/as pessoas inúteis e excluídas, especialmente aqueles/as que deixaram de vender sua força de trabalho – mesmo quando alguns ainda se mantêm em trabalhos informais. Como sublinhado por Fin *et al.* (2015, p. 135), “a consequência disso se reflete, na maior parte das vezes, na baixa autoestima e, de correntemente, na qualidade de vida, dada a condição de mal-estar diante das perdas e afastamento da sociedade a que se reservam muitos idosos”, ou seja, a relação social de depreciação do corpo por parte do/a idoso/a.

Ademais, percebe-se repetidamente, nos artigos, as relações sociais que envolvem as questões estéticas e o padrão de beleza imposto pela sociedade quanto ao envelhecimento do corpo de homens e mulheres idosos, podendo verificar a relação social de que no Brasil há um

⁵ “Diferem quanto a atitudes, práticas e representações, porque as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homem e para mulher” (MOTTA, 1999, p. 209).

modelo de corpo e de beleza socialmente valorizado, ou seja, valoriza-se um corpo magro, jovem, sarado e musculoso. Exemplos disso são as propagandas publicitárias, as revistas de moda e beleza e, em especial, agora na contemporaneidade, as redes sociais, que estabelecem e empregam intensivamente padrões de belezas inexistentes, acarretando a relação social de uma mídia que transforma o corpo como crucial para o atendimento das expectativas sociais. Concebe-se, assim, a relação social de descontentamento com o corpo, instigando o/a idoso/a à apreciação desqualificada do corpo envelhecido (FIN *et al.*, 2015; BITENCOURT, 2015).

É destacado por Lima (2018, p. 120) que “na subcategoria potência versus fragilidade compõe-se o dilema existente entre o corpo jovem e o corpo velho [...]”. Isto é, há uma relação social estabelecida entre corpo velho e corpo jovem, esquecendo-se da dimensão humana e presa ao apego etário, que considera que só o corpo jovem deve ser valorizado. Diante do exposto, pode-se verificar que toda essa supervalorização ao corpo jovem e todos os preconceitos que cercam o processo do envelhecimento do corpo, afetam e geram consequências na vida dos idosos.

As alterações na pele advindas da velhice podem causar, para algumas pessoas, transtornos psíquicos, uma vez que interferem no modo como elas se veem, assim como no julgamento de outras pessoas, a tal modo que provoquem o isolamento social. As distorções com a imagem levam a que haja uma busca desenfreada por tratamentos de beleza, muitas vezes sem necessidade, ou até agressivos a ponto de mudarem radicalmente sua fisionomia (FIN *et al.*, 2015, p. 146).

Por fim, ainda envolvendo a categoria corpo, percebeu-se também a relação social na qual o/a idoso/a é muitas vezes vítima de preconceito e estigmas quanto a sua sexualidade diante da sociedade, limitando a sexualidade ao período da juventude (VIEIRA *et al.*, 2016). Como consequência desta relação social, “[...] muitos idosos que ainda possuem desejo sexual experimentam, algumas vezes, sentimento de culpa e de vergonha, pelo simples fato de se perceberem com vontade de procurar a obtenção do prazer” (VIEIRA *et al.*, 2016, p. 198). As consequências geradas pela relação preconceituosa que a sociedade tem acerca da sexualidade do/a idoso/a são complementadas pelos mesmos autores/as, ressaltando que

[...] a sexualidade é um componente fundamental da qualidade de vida, essencial para manter as relações interpessoais saudáveis, o autoconceito e um senso de integridade. Está ligada ao senso de autoestima e, se negada, pode ter efeitos deletérios não só sobre a sexualidade em si, mas também em uma autoimagem, relações sociais e saúde mental (VIEIRA *et al.*, 2016, p. 198)

Como a pesquisa também intuía apontar as consequências que podem influenciar o cotidiano da pessoa idosa considerando questões de gênero, indica-se que, de forma geral, os

artigos analisados apontam para a existência de um forte preconceito na sociedade contemporânea em relação à pessoa idosa, acompanhado de uma série de estigmas e tabus que cercam as velhices. Tendo em vista aspectos como a supervalorização da juventude e a desqualificação do corpo envelhecido e, conseqüentemente, a figura estigmatizada do/a idoso/a perante a sociedade capitalista como incapaz e improdutivo/a por não contribuir mais para a acumulação do capital, tem-se um quadro de baixa autoestima, depressão e isolamento social.

Além disso, se mostrou de maneira evidente a negatização da imagem da mulher durante a velhice, de forma que ela vivencia esta fase sendo duplamente desvalorizada. Porém, ressalte-se que o homem idoso também é acometido pelos papéis de gênero e conseqüentemente vivência, mesmo que de maneira diferente, as desigualdades de gênero nas velhices. Todas as conseqüências relacionadas a questões de gênero que foram manifestadas nos artigos deixam claro que essas afetam e influenciam na qualidade de vida dos/as idosos/as, propiciando um envelhecimento cercado de tabus e preconceitos que impossibilitam de certa forma a vivência plena e saudável deste período da vida.

Enquanto categoria empírica, emergiu em mais de um artigo (ELOI *et al.*, 2017; BITENCOURT, 2015; VIEIRA *et al.*, 2016; FIN *et al.*, 2015; DANIEL *et al.*, 2016) a categoria “qualidade de vida”, uma vez que as conseqüências de todo o cenário preconceituoso descrito no artigo em tela acabam por fragilizar uma condição de vida digna. Assim, os artigos demonstram que a qualidade de vida dos/as idosos/as se torna fragilizada, visto que a falta do exercício da sua sexualidade e as concepções equivocadas acerca dos seus corpos envelhecidos acabam provocando fatores como depressão, distúrbios alimentares, isolamento social, entre outros.

Dado o exposto nesta pesquisa, compreendeu-se que as questões de gênero no processo de envelhecer de homens e mulheres não se esgotam. Nota-se que há necessidade de haver um debate mais aprofundado acerca da temática, abordando de maneira específica a figura da mulher idosa. Como exposto no decorrer desta pesquisa, a mulher idosa é a mais afetada no tocante às questões de gênero em comparação ao homem idoso, pois as mesmas vivenciam por um maior tempo de sua vida as desigualdades de gênero, o que acaba se acirrando durante as velhices. Pode-se ainda destacar o papel existente de cuidado, amorosidade e afeto que se encontra na figura de feminilidade e que também se atrela à mulher idosa, assim ganhando um forte papel de cuidadora de todos à sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao momento final deste trabalho de conclusão de curso, podendo considerar a temática de estudo “gênero e envelhecimento” um grande desafio para debates, observando que estudar a respeito das velhices de homens e mulheres é ainda um assunto escasso e pouco abordado no ambiente da universidade, havendo uma certa ausência de produções bibliográficas, em especial em áreas como a de Serviço Social. Todavia, a discussão central que esta pesquisa se propôs a estudar é de significativa contribuição ao trabalho dos/as assistentes sociais frente às questões de gênero que podem atravessar as velhices.

No que se refere aos objetivos propostos para a realização desta pesquisa, bem como à questão que norteou o trabalho, foram alcançados e contemplados, mas as possibilidades de entendimento não foram esgotadas. Constatou-se inicialmente que os padrões estéticos, que são postos pela sociedade e que supervaloriza a juventude, estão fortemente presentes na vida dos/as idosos/as, em especial na das mulheres, existindo ainda a invisibilidade da estética do homem. Verificou-se que a mulher idosa sofre com maior intensidade com os padrões de beleza que são exigidos, em comparação ao homem idoso, uma vez que para a mulher o surgimento de cabelos brancos, rugas e estrias é considerado feio e negativo; já para os homens o envelhecimento do corpo é visto como positivo e atraente, sendo assim mais cobrado em relação a sua virilidade.

Ademais, se torna pertinente evidenciar um contraponto que se apresentou de maneira relevante na discussão: nem todas as mulheres estão em busca de corpos perfeitos ou de retardar o envelhecimento. Mas, mesmo assim, ainda são veementemente confrontadas por não aderirem aos padrões de beleza. Existe ainda uma autopercepção negativa em relação aos seus corpos envelhecidos. Com isso, conclui-se que o cuidado com o corpo retrata, de modo direto, uma ótica apoiada na construção do gênero na sociedade, confirmando que homens e mulheres envelhecem de forma distinta.

No tocante às representações sociais que são retratadas na sexualidade, com recorte no gênero, percebeu-se a sexualidade da pessoa idosa cercada de tabus e estigmas. Concluiu-se isso porque, na sociedade, há a negação da existência da sexualidade de homens e mulheres idosos/as, o que acaba dificultando o seu exercício pleno nas velhices. A sexualidade do homem idoso está fortemente ligada à exigência de se manter ativo em relação a sua potência sexual e a sua virilidade, envoltos principalmente por estereótipos referentes à masculinidade. Em contrapartida, no caso das mulheres idosas, constata-se a existência de uma forte repressão e ocultação da sua sexualidade, algo que é posto desde muito cedo, levando-as a perceber sua sexualidade como suja, imprópria e errada, correlacionando a mulher apenas à reprodução.

Os papéis sociais de gênero se manifestam de forma expressiva na vida dos/as idosos/as, indicando assimetrias e desigualdades na vivência do que é ser homem e mulher velho/a,

reforçando os papéis que são historicamente postos a ambos os sexos ao longo de suas vidas. Para a mulher idosa, atribui-se o papel de mulher passiva, cuidadora do lar, estando restrita ao ambiente privado; e para o homem idoso o papel de provedor, de independência, de força física, sempre ligado ao ambiente público. Observou-se também que a geração mais velha naturalizou de maneira mais espontânea os papéis de gênero referentes à masculinidade e feminilidade, o que culmina na desigualdade de gênero ser mais aguçada nas velhices.

O objetivo geral deste trabalho foi compreender quais relações sociais perpassam as questões de gênero no processo de envelhecimento humano, a fim de promover reflexões quanto às consequências que podem influenciar o cotidiano da pessoa idosa. A partir disso, identificou-se de forma indireta as relações sociais atravessando todas as questões elencadas neste trabalho, como: a relação social em que o capitalismo supervaloriza a juventude; a relação social do idoso enquanto incapaz e improdutivo; a relação social de depreciação do corpo; a relação social estabelecida entre corpo velho e corpo jovem; a relação social de preconceito quanto à sexualidade dos idosos; a relação social de que no Brasil há um modelo de corpo; e a relação social de uma mídia que reforma o corpo como crucial.

As consequências que as questões de gênero causam nas velhices de homens e mulheres foram constatadas de forma expressiva, identificando-as em isolamento social, depressão, depreciação da imagem do corpo, vulnerabilidade e baixa autoestima.

No decorrer da produção deste trabalho, enfrentaram-se diversas limitações e desafios, especialmente por ter sido elaborado em uma situação de pandemia mundial, por isso se reconhecem as lacunas existentes. Reitera-se ainda que muitas questões ficaram de fora do estudo, seja na dimensão teórica, seja na análise e interpretações de dados, porém o conhecimento não se encerra. O estudo apresentou uma discussão que muitas vezes não é abordada na formação em Serviço Social, por isso espera-se que a pesquisa contribua com o campo acadêmico.

Principalmente para seguir com as discussões sobre gênero e envelhecimento, pois nota-se poucas produções sobre a temática, entendendo que é preciso discutir sobre as questões de gênero na velhice para enfrentá-las na sociedade.

Ademais, esta pesquisa se torna relevante para que haja maior apropriação acerca da temática pelos/as trabalhadores/as assistentes sociais, possibilitando a reflexão, uma vez que eles/as “se deparam cotidianamente com idosos que buscam, em seu trabalho, respostas às suas demandas” (TORRES, 2020, p. 49). Permitindo ainda reflexões sobre a pessoa idosa enquanto posição de marginalização na sociedade capitalista, já que é um dos princípios fundamentais do assistente social o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito (BRASIL, 1993).

O/A assistente social também deve contribuir com o seu fazer profissional, frente às demandas relacionadas à questão de gênero na velhice, com a sua orientação, escuta, direcionamento e fortalecimento da autonomia desses sujeitos diante de uma sociedade que age de forma excludente e preconceituosa em relação à pessoa idosa.

Por fim, através deste estudo, deseja-se contribuir com as intervenções no trabalho de assistentes sociais, através de uma atenção mais humanizada e sensível quanto às questões de gênero presentes no processo de envelhecimento. Uma vez que, pensar nos condicionantes do envelhecimento humano, é uma tarefa necessária aos/às profissionais do Serviço Social que estão comprometidos com o Projeto Ético-Político (TEIXEIRA, 2020), voltado tanto ao reconhecimento quanto à necessidade de atendimento a grupos marginalizados, portanto excluídos socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família**: entre abafos e desabafos. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. São Paulo, Alínea. 2004.

ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 101-114, 2007.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**: realidade incômoda. São Paulo: Difel, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEDITO, Jonorete de Carvalho. Melhor idade para quem? As novas terminologias para designação da velhice. In: TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017. p. 217-234.

BITENCOURT, Silvana Maria. Gênero e Envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 2, n. 18, p. 443-458, 2015.

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**, 1993.

DANIEL, Fernanda *et al.* Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. **Análise Psicológica**, [S.L.], v. 34, n. 4, p. 353-364, 12 dez. 2016. ISPA - Instituto Universitário. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.1020>.

DEBERT, Guita Grin. Feminismo e velhice. In: NACIONAL, Sesc Departamento (org.). **Sinais Sociais**. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2013. p. 1-152.

Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996. Regulamenta a Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 jul. 1996.

ELOI, Juliana Fernandes *et al.* Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Saúde e Transformação Social**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 61-71, 2017.

ERMINDA, J. G. Processo de envelhecimento. In: COSTA, M. A. M. *et al.* (Org.). **O Idoso: problemas e realidade**. Coimbra: Formasau, 1999.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, p. 705-709, 2009.

FIN, Thais Caroline *et al.* Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 4, n. 18, p. 133-149, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 175 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOMES, Romeu *et al.* Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres?: as explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 565-574, mar. 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agência de notícias IBGE**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População: Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População: Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade: Indicadores implícitos na projeção - 2010-2060, Revisão de 2018**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>>. Acesso em 26. abr. 2021.

KORIN, Daniel. Novas perspectivas de gênero em saúde. **Adolescência Latinoamericana**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 67-79, 2001.

LARA, Ricardo. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. **Revista Katálize**. Florianópolis, v. 10 n. esp. p. 73-82. 2007.

Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1 out. 2003.

LIMA, Regiane de Oliveira *et al.* Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 106-133, 2018.

LIMOEIRO, Beatrice C. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: Mirian Goldenberg. (Org.). **Velho é lindo!**. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, v. 1, p. 107-132.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, Yohana Tôrres. Sexualidade das Mulheres em Envelhecimento: um tabu?. *Brazilian Journal Of Development*, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 13129-13137, 2020. **Brazilian Journal of Development**. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n3-250>.

MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, [s. l], p. 191-221, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas; colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer**. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2017.

SARDENBERG, Cecilia. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 56, 25 dez. 2015. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p56>.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SCOTT, Joan: **Gênero uma categoria útil de análise histórica** - Educação e Realidade 20(2): 71-99 jul/dez. 1995.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. A Desigualdade de Gênero na Terceira Idade. In: BALTES, Paul B. *et al.* **A terceira idade**. 36. ed. São Paulo: Sesc, Serviço Social do Comércio., 2006. p. 1-72.

SISAP-IDOSO. In: FIOCRUZ. Instituto de Informação e Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT). **Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso**. Índice de Envelhecimento da População. Rio de Janeiro: 2021a. Disponível em:

https://www.saudeidoso.iciet.fiocruz.br/novo2/grafico_mu.php?pag=gra&uf=32&municipio=320430&uf_o=D&indicador=D02I0&B1=Gerar+gr%E1fico... Acesso em: 20 mai. 2021.

TEIXEIRA, Solange Maria (org.). **Serviço Social e Envelhecimento**. Teresina, Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí – Edufpi, 2020. 985 p.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento e a proteção da Assistência Social. **16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 1,12, 3 nov. 2019.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e Trabalho no Tempo do Capital: implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, Solange Maria. O Envelhecimento e as Reformas no Sistema de Seguridade Social no Brasil Contemporâneo. **Texto & Contexto**, Porto Alegre, v. 17, p. 126-137, jul. 2018.

TORRES, Mabel Mascarenhas. O trabalho dos Assistentes Sociais com pessoas idosas: competências e demandas em debate. In: TEIXEIRA, Solange Maria (org.). **Serviço Social e Envelhecimento**. Teresina, Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí – Edufpi, 2020. p. 1-985.

VIEIRA, Kay Francis Leal *et al.* A Sexualidade na Velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Paraíba, v. 1, n. 36, p. 196-209, 2016.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490 p.